

POLÍTICA

Marcus
Vicente desiste
de concorrer » 5



DIVULGAÇÃO

COLUNA

EUA x Brasil
em questão
de Justiça » 7



DIVULGAÇÃO

ESHOJE2

Manguinhos
vira capital
da capoeira » 9



DIVULGAÇÃO

Crimes contra a pessoa crescem entre adolescentes

Observatório Digital da Socioeducação mostra crescimento de lesões corporais, ameaças, homicídios e outras violências que levaram a medidas socioeducativas » 3



JANSEN LUBE

ES LIDERA CRESCIMENTO ECONÔMICO NO BRASIL » 4



DIVULGAÇÃO

Tenista capixaba é campeão na Holanda

Com apenas 16 anos, Vitor Pignaton venceu seu 4º torneio internacional, somando pontos para o ranking mundial » 8

O QUE JUSTIFICA A DIFERENÇA NO PREÇO DO VÍNHO

Colunista explica se estamos pagando somente pelo rótulo ou se diferença é justa » 10

FOTO DA SEMANA



DIVULGAÇÃO/PMV

Somente na manhã de domingo (26) cerca de 500 quilos de lixo foram retirados da Baía de Vitória durante o mutirão "Manguezal Limpo, Manutenção da Vida"

EDITORIAL

A seca não permite omissão

O Espírito Santo ainda não chegou ao período mais crítico da estiagem, mas os sinais de alerta já estão espalhados por todo o Estado. Pastagens ressecadas, aumento dos custos para os produtores, maior pressão sobre as reservas de água e crescimento vertiginoso dos incêndios em vegetação formam um cenário que não permite improvisação. Se o pior ainda está por vir, como indicam as previsões, a hora de agir é agora.

O dado mais assustador vem do Corpo de Bombeiros. Somente entre janeiro e junho deste ano, foram registrados 2.696 atendimentos a incêndios em vegetação, número 54% superior aos 1.753 casos contabilizados durante todo o ano de 2025. A gravidade se torna ainda maior porque julho, agosto, setembro e outubro concentram historicamente as condições mais favoráveis à propagação do fogo.

Embora a seca transforme a vegetação em combustível, a maioria dos incêndios florestais não começa por geração espontânea. Tem origem na ação humana, seja por imprudência, irresponsabilidade ou crime. A velha prática de atear fogo para limpar terrenos e áreas rurais torna-se ainda mais perigosa quando o solo está seco, a umidade do ar cai e as chamas avançam rapidamente. Combater as queimadas, portanto, exige equipes preparadas, mas também fiscalização rigorosa, campanhas permanentes e responsabilização dos infratores.

A preocupação não termina com

o fogo. No campo, a redução das pastagens obriga o pecuarista a ampliar os gastos com ração, enquanto o gado perde peso e a produção de leite diminui. Nas lavouras, o impacto mais severo pode aparecer em 2027. O calor excessivo e a falta de água comprometem a floração, o desenvolvimento dos frutos e a produtividade do café, além de ameaçarem hortaliças, frutas e outras culturas.

Há, ainda, uma questão que alcança indistintamente o campo e as cidades: a segurança hídrica. Menos chuva significa menor reposição de rios, lagoas, aquíferos e reservatórios. A necessidade crescente de irrigação pode coincidir justamente com o período de menor disponibilidade de água. Caso não exista gestão preventiva, o conflito entre abastecimento humano, produção agropecuária e demais atividades econômicas tende a se agravar.

As medidas já anunciadas, como reforço das equipes dos Bombeiros, crédito, seguro rural, distribuição de silagem e monitoramento

climático, são necessárias. Entretanto, precisam sair do campo da reação emergencial e integrar uma política permanente de adaptação. O Estado não pode esperar reservatórios atingirem níveis críticos, lavouras serem perdidas ou incêndios escaparem ao controle para então mobilizar sua estrutura.

Também não basta transferir toda a responsabilidade ao produtor ou ao cidadão. Municípios precisam atualizar planos de contingência, mapear áreas vulneráveis, fiscalizar terrenos e preparar suas defesas civis. O Governo do Estado deve integrar informações meteorológicas, ambientais e hídricas, além de oferecer orientação técnica rápida a quem produz.

Não há motivo para pânico, mas existem razões de sobra para preocupação. A estiagem é previsível; a omissão, portanto, será injustificável. Quando a seca se instala, já não há espaço para recuperar o tempo perdido. Prevenir agora custará muito menos do que reconstruir depois.

ESPAÇO DO LEITOR

IA e memória

Estamos perdendo memória à medida em que dependemos cada vez mais da tecnologia e delegamos a ela até o nosso direito de pensar? A resposta é sim. Estudo recente do MIT Media Lab (laboratório de pesquisa do Instituto de Tecnologia de Massachusetts) revela que a dependência por respostas prontas, obtidas mediante o constante uso da Inteligência Artificial, afeta a memória e compromete a atividade cerebral e a criatividade, e ainda facilita a criação de memórias falsas por meio de conteúdos que parecem realistas. "O descarregamento cognitivo pode atrofiar o cérebro, dificultar o aprendizado, enquanto deepfakes alteram a percepção da realidade", avisa o estudo. Pesquisas recentes mostram que o Quociente de Inteligência (QI) tem caído nas gerações mais jovens e que, pela primeira vez na história, filhos têm QI inferior aos dos pais. E um dos fatores atribuídos a essa baixa é o uso excessivo de telas. Enfim, se a IA já pode alterar lembranças e encolher a inteligência, o que ainda define a experiência humana? Seriam as nossas emoções e memórias, a sensibilidade, as capacidades cognitivas e criativas? E se um dia a IA deixar de ser apenas matemática avançada e passar a ter consciência ou autoconsciência? Seria ela nós no futuro? Pensemos nesse assunto.

Maria Fontele

Dor normalizada

Hoje sabemos que a dor é um fenômeno biopsicossocial. Ela resulta da interação entre fatores biológicos, psicológicos e sociais. Não é apenas uma resposta do corpo, mas também da maneira como interpretamos nossas experiências e do ambiente em que vivemos. Quantas vezes você já sentiu dor nas costas e pensou: "É normal, fiquei muito tempo sentado" ou "Carreguei peso demais"? Em vez de refletirmos sobre o que precisa mudar, costumamos aceitar a dor como parte inevitável da rotina. Repetimos os mesmos hábitos e, com eles, o sofrimento. O contexto também modifica nossa resposta à dor. Muitas pessoas escondem o desconforto no trabalho para não parecerem frágeis, mas em casa expressam livremente o que sentem. Outras fazem exatamente o contrário. Isso mostra

que a dor não depende apenas do corpo, mas também dos significados que atribuímos a ela e das relações que construímos ao longo da vida. Isso não significa que toda dor deva ser evitada. Existem dores associadas ao crescimento, ao aprendizado e à superação. O problema é transformar o sofrimento persistente em algo "normal" e deixar de escutar os sinais do corpo. Mudar essa relação exige consciência. Nosso cérebro tende a repetir comportamentos familiares, mesmo quando eles nos fazem mal. Mas ele também é capaz de aprender novos caminhos. Ao questionarmos crenças, modificarmos hábitos e buscarmos ajuda quando necessário, criamos novas conexões neurais e ampliamos nossa capacidade de cuidar de nós mesmos. Talvez a verdadeira força não esteja em suportar a dor em silêncio, mas em reconhecer quando ela deixou de ser um desafio passageiro e passou a ser um convite para a mudança.

Mariana Schamas

Saúde mental e 1ª infância

Quando nasce um bebê, nasce também uma mãe, um pai e uma família que precisam se adaptar a uma nova realidade. Nesse período, é natural que todas as atenções estejam voltadas para a criança: alimentação, sono, vacinas, desenvolvimento e segurança. Mas existe um aspecto igualmente importante que muitas vezes é deixado em segundo plano: a saúde mental dos pais. Os primeiros anos de vida trazem desafios intensos. Privação de sono, mudanças na rotina, inseguranças, excesso de informações e a pressão para dar conta de tudo podem gerar ansiedade, culpa, exaustão e, em alguns casos, depressão. Sentir-se sobrecarregado não significa amar menos o filho, mas sim apenas ser humano. A ciência mostra que o bem-estar emocional dos cuidadores influencia diretamente o desenvolvimento infantil. Pais emocionalmente disponíveis conseguem responder com mais paciência, sensibilidade e segurança às necessidades dos filhos, fortalecendo o vínculo afetivo, que é um dos principais pilares para uma infância saudável.

Marcela Noronha

Violência juvenil cresce e reincidência é incógnita

Entradas no Iases cresceram 15,4% e atos infracionais contra a pessoa avançaram 49%

REDAÇÃO MULTIMÍDIA
redacao@eshoje.com.br

A apreensão de um adolescente de 14 anos duas vezes em menos de uma semana, em Vitória, expôs um desafio que as estatísticas oficiais ainda não conseguem dimensionar por completo: quantos jovens voltam a praticar atos infracionais depois de passar pelo sistema socioeducativo do Espírito Santo?

O caso mais recente ocorreu no bairro Do Quadro. Segundo a Polícia Militar, o adolescente tentou fugir durante um patrulhamento e foi encontrado com porções de crack, maconha, cocaína e pac, dinheiro e um rádio comunicador usado pelo tráfico. Três dias antes, ele já havia sido apreendido em Caratoíra. Autuado por ato infracional análogo ao tráfico, foi levado ao Centro Integrado de Atendimento Socioeducativo (Ciase).

Dados do Instituto de Atendimento Socioeducativo do Espírito Santo (Iases) mostram que as entradas no sistema voltaram a crescer. Foram 1.012 em 2023 e 993 em 2024. Em 2025, o total saltou para 1.146, aumento de 15,4% em um ano e o maior resultado do período analisado.

Entre janeiro e abril deste ano, foram contabilizadas 395 entradas. O número representa redução de 5,5% diante das 418 registradas no mesmo intervalo de 2025, mas continua 8,8% acima do primeiro quadrimestre de 2023 e 39,6% superior ao de 2024. São quase 99 entradas por mês em 2026.

Entradas não correspondem necessariamente a adolescentes diferentes. Um mesmo jovem pode passar mais de uma vez pelo sistema. Em 2023, as 1.012 entradas esta-

vam vinculadas a 926 identificados. Em 2024, foram 993 registros para 905 identificadores e, no ano passado, 1.146 entradas para 1.035 identificadores.

INFRAÇÕES MAIS VIOLENTAS

O avanço não ocorreu apenas na quantidade. Levantamento do Observatório Digital da Socioeducação mostra crescimento das infrações contra a pessoa, que incluem lesões corporais, ameaças e outros atos violentos. Foram 392 registros em 2025, alta de 49% sobre o ano anterior e maior número desde 2020.

Ao todo, o Iases contabilizou 10.475 enquadramentos legais entre 2020 e 2025. A Lei Antidrogas aparece na primeira posição, com 3.261 registros, ou 31,1% do total. Em seguida estão os atos contra o patrimônio, como furtos e roubos, com 2.677 ocorrências, equivalentes a 25,6%. Juntas, as duas categorias concentram 56,7% dos enquadramentos.

Os atos contra a pessoa representam outros 15%, enquanto as infrações relacionadas ao Estatuto do Desarmamento correspondem a 8%. Em 2025, os registros da Lei Antidrogas chegaram a 599, crescimento de 10,1%. Já os enquadramentos relacionados à Lei Maria da Penha alcançaram 35, mais que o dobro da média anual anterior.



Infrações relacionadas a drogas são responsáveis por quase um terço da apreensão de adolescentes

A matemática da reincidência

OS DADOS exigem cautela. Apreensões policiais, entradas no Iases, decisões de internação e quantidade de jovens presentes nas unidades são indicadores distintos. Nem todo adolescente apreendido é internado, e uma pessoa pode gerar mais de uma entrada ou responder por vários enquadramentos no mesmo processo.

Em 2024, foram decretadas 1.068 internações: 629 provisórias, aplicadas enquanto o adolescente aguardava a decisão judicial, e 439 medidas de internação. Naquele ano, a média mensal foi de 543 jovens no sistema, dos quais 476 cumpriam internação, semiliberdade ou internação-sanção e 58 estavam provisoriamente internados.

Em 2025, apesar da alta das entradas, a média de jovens presentes caiu para 516: cerca de 451 cumprindo medidas e 61 em internação provisória. O contraste pode estar ligado à rotatividade, às liberações e ao tempo de permanência, mas ainda depende



Uma combinação de fatores leva adolescentes a reincidirem, segundo especialistas

de detalhamento do Iases.

A repetição dos atos infracionais não pode ser explicada somente pela atuação policial ou pelo sistema de Justiça. Para o pesquisador em segurança pública Rusley Medeiros, o retorno de adolescentes ao crime resulta da combinação de evasão escolar, fragilidade familiar, falta de oportunidades e presença de grupos

criminosos nos territórios.

“O adolescente encontra nesses grupos reconhecimento, identidade e a expectativa de ganho financeiro. Quando as medidas socioeducativas não conseguem oferecer novas oportunidades, aumenta a chance de retorno à prática de atos infracionais”, afirma.

Segundo Medeiros, a proteção dos jovens é responsabilidade compartilhada pela família, escola, Estado e sociedade. Ele defende investimentos em educação, profissionalização, esporte, cultura e acompanhamento após a saída.

A psicóloga Anne Daltro também avalia que não existe uma causa única. Exposição à violência, influência de grupos criminosos, evasão escolar, falta de supervisão familiar e poucas possibilidades de desenvolvimento tornam a repetição do comportamento mais provável. “Quando essas condições permanecem e não há intervenções estruturadas, aumenta a probabilidade de o adolescente repetir o comportamento”, explica.

Rede precisa acompanhar

ANNE DESTACA que é necessário compreender o contexto de cada adolescente. O acompanhamento precisa fortalecer os vínculos familiares, garantir a permanência na escola, oferecer qualificação profissional e desenvolver autocontrole, resolução de conflitos e planejamento do futuro.

Para a psicóloga, romper o ciclo depende da atuação coordenada da assistência social, saúde, educação, sistema socioeducativo, Justiça e Conselho Tutelar. Sem continuidade após a liberação, o jovem retorna ao mesmo território e às vulnerabilidades que favoreceram seu ingresso no crime.

Os especialistas convergem em um ponto: a apreensão interrompe momentaneamente a prática infracional, mas não elimina suas causas. Evitar uma nova ocorrência depende das intervenções realizadas e das oportunidades oferecidas após a liberação.

Até o fechamento da edição o Iases ainda não havia respondido aos questionamentos da reportagem.

“O adolescente encontra nesses grupos reconhecimento, identidade e a expectativa de ganho financeiro. Quando as medidas socioeducativas não conseguem oferecer novas oportunidades, aumenta a chance de retorno à prática de atos infracionais”

RUSLEY MEDEIROS, pesquisador

Economia acelera, mas cidades perdem fôlego

Estado lidera crescimento do país, enquanto operações de crédito diminuem 77,5%

REDAÇÃO MULTIMÍDIA
jornalismo@eshoje.com.br

Enquanto a economia do Espírito Santo lidera o crescimento nacional, as receitas dos municípios capixabas avançam em ritmo cada vez menor. As 78 cidades do Estado arrecadaram R\$ 27,91 bilhões em 2025, alta de 3,3% sobre o ano anterior, mas o resultado confirma uma desaceleração após sucessivos períodos de expansão mais expressiva.

Os dados fazem parte da 32ª edição do anuário Finanças dos Municípios Capixabas, elaborado pela Aequis Consultoria com base nas prestações de contas enviadas pelas prefeituras à Secretaria do Tesouro Nacional.

A perda de velocidade contrasta com o desempenho recente da atividade econômica estadual. Segundo o Banco Central, a economia capixaba cresceu 4,4% entre abril e maio, maior avanço entre os 14 estados monitorados. Nos últimos 12 meses, a expansão chega a 3,9%.

Nas prefeituras, entretanto, o crescimento das receitas vem perdendo força desde 2022, quando alcançou 11,6%. O principal fator para o resultado de 2025 foi a retração dos recursos destinados a investimentos, especialmente aqueles obtidos por empréstimos e financiamentos.

CRÉDITO SOFRE REDUÇÃO

As receitas correntes, utilizadas para custear serviços públicos e manter a máquina administrativa, cresceram 5,8% e chegaram a R\$ 26,28 bilhões. Já as receitas de capi-

tal, relacionadas principalmente a investimentos, recuaram 25,7% e fecharam o ano em R\$ 1,63 bilhão.

O impacto mais expressivo ocorreu nas operações de crédito. Os recursos contratados pelos municípios caíram de R\$ 845,2 milhões, em 2024, para R\$ 190 milhões no ano passado. A redução foi de R\$ 655,2 milhões, equivalente a 77,5%.

Segundo o anuário, a retração costuma ocorrer no primeiro ano dos mandatos municipais, período marcado pela reorganização administrativa e pela elaboração de novos projetos. Ainda assim, o recuo reduz a disponibilidade imediata de recursos para obras e investimentos.

Apesar dessa queda, a arrecadação própria continuou crescendo. Os tributos recolhidos diretamente pelas prefeituras totalizaram R\$ 5,54 bilhões, avanço de 5,7%. O percentual, no entanto, ficou distante das taxas de dois dígitos registradas nos três anos anteriores.

Principal tributo municipal, o Imposto sobre Serviços (ISS) respondeu por 54,9% da arrecadação própria. Foram R\$ 3,04 bilhões recolhidos em 2025, crescimento de 5,6%. O resultado acompanha a desaceleração do setor de serviços no Espírito Santo. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o segmento passou de uma expansão de 6,2%, em 2024, para apenas 1,2% no ano passado.

Para o economista Alberto Borges, editor do anuário, os números demonstram uma acomodação da arrecadação depois de anos de aumentos mais intensos. “O resultado de 2025 confirma que a arrecadação dos municípios capixabas segue crescendo, ainda que em ritmo mais moderado, acompanhando o menor dinamismo da economia nacional. É um cenário de normalização, não de retração”, afirma.

A combinação dos indicadores mostra que as cidades não enfrentam queda generalizada de receita, mas dispõem de menos fôlego para sustentar o mesmo ritmo de expansão. O desafio será transformar o crescimento da economia estadual em arrecadação e capacidade de investimento nos municípios.

NÚMEROS

27,9 bi

Foi o que os 78 municípios capixabas arrecadaram em 2025

3,3%

A mais do que foi arrecadado durante todo ano de 2024



O principal fator para os resultados de 2025 foram os impostos: IPTU, por exemplo, cresceu 7,6%

ES lidera avanço nacional

O **ESPIRITO** Santo registrou o maior crescimento econômico do país na comparação entre maio e abril, com expansão de 4,4%, segundo o Índice de Atividade Econômica Regional (IBCR), divulgado pelo Banco Central.

O resultado colocou o Estado à frente de Goiás, que cresceu 1,1%; Ceará, com 1%; Paraná, com 0,9%; Santa Catarina, com 0,8%; e Minas Gerais e Pernambuco, ambos com 0,5%.

O desempenho capixaba também impulsionou a Região Sudeste, que avançou 1,6% no período, acima da média brasileira de 1,4%. Nos últimos 12 meses, a economia estadual acumula alta de 3,9%. No ano, o Espírito Santo ocupa a segunda posição entre os 14 estados acompanhados pelo Banco Central.

Considerado uma prévia do Produto Interno Bruto (PIB), o IBCR acompanha mensalmente a atividade dos setores de serviços, indústria e agropecuária. A metodologia é alinhada à utilizada pelo IBGE no cálculo das contas nacionais e permite antecipar tendências da produção e da atividade econômica.

Para o governador Ricardo Ferraz, os números refletem um processo de diversificação da matriz produtiva capixaba, com avanços na agricultura, no comércio, na indústria e na capacidade empreendedora.

“Os dados consolidados pelo Banco Central, mostrando o Espírito Santo entre os líderes de crescimento do Brasil, comprovam que estamos no rumo e no ritmo certos”, afirmou.



Segundo o BC, economia capixaba cresceu 4,4% entre abril e maio

O governador destacou que as atividades relacionadas ao petróleo e ao gás chegaram a responder por aproximadamente 20% da economia estadual. Atualmente, segundo ele, essa participação está em torno de 5%. “O Espírito Santo encontrou seu caminho a partir da diversificação, reduzindo a dependência desse setor e fortalecendo novas vocações econômicas”, completou.

Na avaliação do Executivo estadual, uma matriz mais diversificada torna a economia menos vulnerável às oscilações internacionais do petróleo e permite que diferentes setores contribuam para a geração de empregos, renda e arrecadação.

O resultado econômico, contudo, ainda não chegou aos cofres municipais com a mesma intensidade. Essa diferença reforça o desafio de converter o avanço da produção estadual em maior capacidade financeira para as prefeituras.

Impostos sustentam

Mesmo com a desaceleração das receitas, alguns tributos municipais apresentaram resultados expressivos em 2025. O Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) gerou R\$ 757,4 milhões, crescimento de 7,6%. Dos 78 municípios capixabas, 61 aumentaram a arrecadação.

O Imposto sobre a Transmissão de Bens Imóveis (ITBI) alcançou o maior valor da série histórica. Foram R\$ 441,3 milhões, aumento de 7,2%, mesmo em um cenário de juros elevados.

Entre as transferências, o Fundo de Participação dos Municípios (FPM) destinou R\$ 3,5 bilhões às cidades capixabas, alta de 7,3%, acima da média nacional de 6,5%.

A parcela municipal do ICMS somou R\$ 4,5 bilhões, crescimento de 3,4%. O desempenho acompanhou o menor ritmo da economia brasileira, cujo PIB passou de uma expansão de 3,4%, em 2024, para 2,3% em 2025.

Os municípios também tiveram saldo positivo de R\$ 2,65 bilhões no Fundeb, equivalente a 10,1% das receitas correntes. As prefeituras receberam R\$ 4,7 bilhões do fundo e contribuíram com R\$ 2,05 bilhões para sua formação.



“O resultado de 2025 confirma que a arrecadação dos municípios capixabas segue crescendo”

ALBERTO BORGES, editor

BASTIDORES DA POLÍTICA

Desistiu



Marcus Vicente desiste de concorrer a deputado federal

O ex-deputado federal e ex-secretário do Governo Casagrande Marcos Vicente (Progressistas) desistiu de concorrer a deputado federal. A desistência acontece em um momento delicado entre a federação e o Palácio Anchieta.

Clima tenso

A convenção do PSDB, embora bastante prestigiada, gerou comentários de alguns participantes de que o clima estava bem pesado. A exceção foi Luiz Paulo Vellozo Lucas, um tucano raiz que irá concorrer a uma cadeira

na Assembleia Legislativa. Na convenção, o PSDB confirmou apoio a Renato Casagrande (PSB) para senador, Ricardo Ferraço (MDB) para governador e à chapa de candidatos a deputado estadual. Para federal, como o partido não tem chapa, apoiam Emanuela Pedroso e Victor Linhalis, ambos do PSB.

Capitão Casão 1

Como é que fica a chapa de Ricardo Ferraço para a reeleição ao governo do Espírito Santo? O questionamento surge a partir do nome de Sergio Vidigal (PDT) para vice, que retirou em 40% — termo usado pelas fontes da coluna — a federação União Progressista do grupo do emedebista. Os últimos dias foram de muitas reuniões no Palácio Anchieta. Primeiro, Marcelo Santos (UB) precisou intermediar bastante as tratativas, porque Da Vitória (Progressistas) quis ver o diabo, mas não atendia Ricardo nem Renato Casagrande (PSB).

Capitão Casão 2

Era dezembro de 2024. Renato Casagrande (PSB), governador, afirmou: “Não sei se serei candidato a senador ou a nada, mas vou coordenar o projeto eleitoral do meu grupo”. Diante desse res-

gate, do fato de ele ser candidato ao Senado e de uma pesquisa eleitoral realizada na Serra — maior colégio eleitoral do Espírito Santo — apontar vantagem para o nome do adversário, o capitão da nau “Ricardo reeleito” viu na figura de Sergio Vidigal (PDT) a saída perfeita para a embarcação chegar aonde mira. Mas Vidigal, que afirmou, em março de 2024, que não concorreria à reeleição, disse seis meses depois — e vem repetindo — que não será vice.

Capitão Casão 3

O capitão “Renato” sabe que a federação União Progressista quer a vice. Teoricamente, Sergio Vidigal já negou o posto. Qual é o impasse no grupo palaciano, que conta com MDB, PSB, Podemos, Progressistas e União Brasil? A conta não fecha.

Costurando

Se, de um lado, o clima é de tensão, o grupo liderado por Erick Musso (Republicanos) segue em ritmo de aglutinação e costuras, inclusive com uma série de reuniões com lideranças da federação União Progressista e até com Gilson Daniel, do Podemos. Se decidirem mudar de lado, terão espaço, e pode haver composição, inclusi-

ve, com o PSD — que, nacionalmente, está movimentando mudanças. Nesse caso, quem ficaria com a vice de Pazolini?

Uma reflexão

O que a federação União Progressista pode levar hoje para a candidatura de Lorenzo Pazolini? Duas importantes lideranças — o presidente da Assembleia Legislativa do ES, Marcelo Santos, e o líder da bancada federal, Da Vitória —, além de mais tempo de televisão. Isso é bom, mas é pouco diante do estrago que faria no projeto de reeleição de Ricardo Ferraço.

Senado bolsonarista

Erick Musso, presidente do Republicanos, conseguiu estruturar uma aliança com o PL de Magno Malta, e o que está prestes a acontecer é o “puro suco do bolsonarismo” na disputa ao Senado: Maguinha Malta (PL) e Evair de Melo (Republicanos). A movimentação contou com a saída de Soraya Manato da chapa, sendo substituída pelo esposo e ex-deputado Carlos Manato.

Voltando ao PSD...

...novamente surge, no cenário nacional, a informação de que Serghino Meneguelli não terá o parti-

do para concorrer ao Senado. Ele foi procurado para comentar, assim como o presidente Renzo Vasconcelos, mas nenhum deles retornou até o fechamento da coluna. Se isso se confirmar, em vez de se preocupar com a posição da UP em qualquer um dos blocos, Da Vitória terá que se preocupar com suas chances de reeleição.

Mais uma do PSD!

Uma fonte da coluna explicou que Paulo Hartung — grande player da sigla — quis concorrer ao governo, tendo Lorenzo Pazolini (Republicanos) como seu candidato ao Senado. Isso não foi viabilizado a seu tempo e gosto, principalmente quando o PL se aliou. Mas todos ainda aguardam para saber se as chuteiras continuarão penduradas. A ver!

De olho no calendário

O período entre 6 e 15 de agosto é a janela reservada pela legislação eleitoral brasileira para que os partidos organizem a documentação e transmitam formalmente os pedidos de registro de candidatura à Justiça Eleitoral. Nesse intervalo, no entanto, ainda podem mudar muita coisa deliberada nas convenções que estão sendo realizadas sem o anúncio das chapas completas.

Publicação Legal é aqui



<https://eshoje.com.br/noticias/publicacao-legal/>

Impresso e digital diários

Contato:

bianca@eshoje.com.br/

27 99744-6251



ESHOJE®

ANJ ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS

SUA EMPRESA É UMA S.A.?

O calendário das
assembleias já
começou.

➤ A Lei nº 6.404/1976 exige a
publicação das demonstrações
financeiras antes da AGO.

Garanta a segurança
jurídica e a validade
dos seus atos dentro
do prazo.

**PUBLIQUE NO ES
HOJE DE FORMA
ÁGIL E SEGURA.**

ESHOJE®



Do impresso ao digital **a gente te conecta com a notícia.**

HUGO BORGES

João Gualberto

Redação@eshoje.com.br



Um defeito de cor

Nos últimos dias, li, encantado, o romance histórico que tem o título que dei à coluna hoje: Um Defeito de Cor, escrito pela premiada escritora Ana Maria Gonçalves, que ingressou, recentemente, na Academia Brasileira de Letras.

É daqueles livros que são uma travessia: chega-se ao outro lado da viagem vendo a vida de forma diferente, em especial nos temas que foram tratados. É considerada uma das obras mais importantes da literatura brasileira contemporânea.

A autora consegue, com maestria, traçar um perfil da escravidão e da vida dos escravizados no Brasil do século XIX, a começar pelo título. Em nosso período colonial, havia uma norma que exigia que pessoas negras ou mulatas, como se dizia na época, que desejassem participar da administração pública, do clero ou do exército precisassem solicitar uma "dispensa do defeito de cor" à Coroa, em ato feito de propósito para humilhar e fortalecer a supremacia branca no Antigo Regime.

A obra narra a longa trajetória de Kehinde, uma mulher africana es-

cavizada no Brasil do século XIX, em busca da afirmação de sua liberdade, e foi baseado na história real de Luísa Mahin, mãe do grande poeta e abolicionista Luiz Gama. A história se passa desde a sua infância no Daomé, onde nasceu em 1810, passando pela conquista de sua alforria até o seu retorno para a África, onde passa muitos anos até o fim de sua longa vida.

Um recurso narrativo genial é fazer com que Kehinde, ou Luísa, nome que recebeu no batismo cristão, passe por muitas situações diferentes. Chega ao cativeiro aos 6 anos e traz para sempre todos os elementos da religiosidade africana de sua região, acentuados pela adoração que tem pela figura de sua avó, que a acompanha na viagem feita nas imundícies que eram os navios negreiros. Na Bahia, vai morar na Ilha

de Itaparica, inicialmente na Casa-grande, ou na senzala pequena, como diz, e depois da senzala grande, junto com os demais escravizados. Duas perspectivas.

Depois de violentada pelo Sinhô e ter um filho dele, foi alugada para trabalhar com uma família de ingleses. Aprende a falar a língua deles e entende as diferenças de tratamento daqueles que queriam o fim da escravidão brasileira. Depois, vira escrava de ganho, como se dizia à época, quando consegue comprar a sua alforria. Esse percurso permite à autora descrever de forma muito clara o que se passava nesses ambientes tão diferentes entre si. Podemos dizer que eram escravidões, com nuances e detalhes de cada grupo: africanos, crioulos, mulatos, alforriados ou mesmo os que estavam pagando as prestações de sua alforria, os quase libertos.

É, entretanto, um romance, aliás, um bom romance. Então, não faltam cenas de muita emoção, sobretudo durante a Revolta dos Malês, da qual ela participa. Depois, tem

que fugir; foi quando o português, pai de seu filho, o vende como escravizado, e ele deixa a Província da Bahia. Daí se inicia uma longa busca pelo filho, que a leva a São Sebastião do Rio de Janeiro, São Paulo e tem uma passagem pelo Maranhão. Termina indo para a África, onde é uma retornada. Lá convive e torna-se amiga de Domingos José Martins, filho do herói capixaba, um homem riquíssimo com o comércio escravocrata.

O livro cria as situações para a autora exercitar a descrição da enorme perversidade que foi a escravidão brasileira e tangenciar a vida de vários cidadãos ilustres, como Joaquim Manoel de Macedo, autor de A Moreninha, ou Bartolomeu de Gusmão, o padre voador. É aí que vemos com clareza a profundidade da pesquisa realizada ao longo de cinco anos.

No fundo, trata-se de recontar a história brasileira através do olhar de uma mulher negra, inteligente, bonita, destemida. O livro nos dá um outro olhar sobre as bases apo-

dradas sobre as quais foram assentados os pilares da nossa sociedade tão desigual, racista, machista e centrada no elemento branco. A intolerância religiosa com os cultos de matriz africana é brutal. Proibidos de acreditar em seus deuses, ficam sem ter uma âncora imaginária para o seu sofrimento, obrigados a crer nos deuses dos que os massacravam.

É preciso contar e recontar essas histórias. É preciso trabalhar contra a tentativa sempre presente de desqualificar tudo que pertence ao mundo africano. O que vemos no livro é a força da cultura que veio daquele continente e que ganhou uma expressão muito especial no Brasil. Há no Brasil uma África que nem em África existe, como tantas vezes nos chamou a atenção o grande africanólogo Alberto Costa e Silva, porque aqui foram forçados a se misturarem e criarem cultos, línguas, celebrações com base nos saberes de seus antepassados, mas recriados nas trágicas condições brasileiras.

COLUNA FEU ROSA

Made in USA

Nos idos de 1998 estava eu nos Estados Unidos quando fui convidado a visitar um juizado. Era já um final de tarde quando nele cheguei – para receber uma acolhida distinta e digna. Lá pelas tantas alguém entrou no recinto e comunicou à magistrada responsável acerca de uma prisão em flagrante ocorrida a uns 20 km dali. Ela convidou-me, então, para assistir ao procedimento judicial respectivo.

Fui para uma outra sala, na qual havia dois televisores e uma filmadora. Ela explicou-me que idêntica aparelhagem estava no centro de detenção provisória para o qual fora encaminhado o indivíduo detido pela polícia.

Através do sistema de vídeo as autoridades policiais exibiram a droga apreendida com o acusado – que confessou ser a mesma de sua propriedade. Em poucos minutos a magistrada fixou-lhe uma fiança e, o que mais me chamou a atenção, marcou para a semana seguinte a sessão de julgamento.

Daquela audiência, realizada por um sistema de vídeo, já saiu o acusado intimado para a sessão na qual seria definitivamente julgado, bem como advertido de que deveria providenciar a presença do seu advogado – cujo nome ele informou – e de suas testemunhas. Na mesma oportunidade foram convocados a comparecer os policiais que realizaram a prisão, todos presentes à sala de videoconferência.

Absolutamente pasmo fiz uma pergunta perfeitamente tola: se na semana seguinte tudo estaria mesmo resolvido.

E ouvi como resposta um "evidentemente". Solicitei ser avisado sobre o resultado daquele julgamento.

Pois bem: uma semana depois, segundo fui informado, o acusado compareceu ao julgamento. Assumiu sua culpa. Foi sentenciado a uma pena de prestação de serviços à comunidade. E pronto! Em menos de uma semana sua situação ficou plenamente resolvida aos olhos do mundo das leis.

Há poucos dias meditava sobre este episódio ao contemplar as dezenas de processos julgados em cada sessão da Câmara Criminal que integro envolvendo delitos de igual porte – porém que se arrastam por anos a fio, angustiado acusados, testemunhas, advogados e autoridades.

Externo minha tristeza: o que vi nos EUA há mais de duas décadas aqui ainda não é sequer considerado – e isto em um Brasil que tanto copia da cultura daquele país! Que tal reproduzirmos aqui essa magnífica – e tão lógica – simplificação de procedimentos?

PEDRO VALLS FEU ROSA
Desembargador do TJES

ARTIGO

Ser rico

O que significa riqueza para você? Ter milhões na conta? Morar em uma bela casa? Viajar pelo mundo? Ou acordar todos os dias com saúde, paz de espírito e pessoas que ama ao seu lado?

Essa pergunta acompanha a humanidade há séculos e continua sem uma resposta única.

A palavra riqueza deriva do antigo termo gótico reiks, relacionado a poder, força e nobreza. Durante muito tempo, ser rico significava possuir terras, bens, influência e autoridade. Já a palavra felicidade vem do latim felicitas, derivada de felix, que significa fertilidade, prosperidade e frutificação. Mais do que um momento de alegria, felicidade representa um estado duradouro de plenitude.

Talvez por isso dinheiro e felicidade sejam frequentemente confundidos, embora não sejam sinônimos.

O Dalai Lama costuma afirmar que a verdadeira felicidade nasce da paz interior, e não da quantidade de bens acumulados. A Bíblia ensina que a maior riqueza está em conhecer Deus e viver em paz.

A filosofia também oferece reflexões semelhantes. Platão dizia que rico é quem vive satisfeito com o que possui. Sócrates afirmava que "a verdadeira riqueza consiste em precisar de pouco". Aristóteles lembrava que o valor dos bens está no seu desfrute, e não apenas na posse. Afinal, de que adianta ter uma casa de praia, um barco ou uma coleção de carros se não há tempo, saúde ou tranquilidade para aproveitá-los? Epicuro, por sua vez, ensinava que "quem pouco deseja é verdadeiramente rico".

Diversos estudos sobre bem-estar mos-

tram que o aumento da renda melhora a qualidade de vida, especialmente quando permite suprir as necessidades básicas e oferecer segurança à família. Porém, a partir de determinado nível, os ganhos de felicidade tendem a diminuir e podem até recuar, à medida que aumentam as responsabilidades, a pressão por manter o padrão de vida e o estresse.

Talvez a maior riqueza da vida seja ter saúde para desfrutar o que conquistamos, tempo para conviver com quem amamos, serenidade para dormir em paz e gratidão para perceber a beleza dos pequenos momentos.

Dinheiro compra conforto. Compra segurança. Compra oportunidades. Mas dificilmente compra amizade verdadeira, amor sincero, saúde plena, consciência tranquila ou paz de espírito.

No fim das contas, talvez a pergunta mais importante não seja "Quanto dinheiro você tem?", mas "O quanto você consegue aproveitar a vida com o que já tem?".

E você? O que é riqueza? O que realmente traz felicidade para a sua vida? Talvez valha a pena refletir sobre essas perguntas.

A verdadeira riqueza talvez não seja ter cada vez mais, mas precisar de cada vez menos para ser feliz.

LUCAS IZOTON

Engenheiro e empresário

Tenista capixaba conquista 4º título internacional

Victor Pignaton, 16 anos, foi campeão de torneio válido pelo ranking mundial, na Holanda

REDAÇÃO MULTIMÍDIA
redacao@eshoje.com.br

O tenista capixaba Victor Pignaton, de 16 anos, conquistou no último domingo (27) o título do J60 de Eindhoven, na Holanda, torneio válido pelo ranking mundial juvenil da World Tennis Tour, circuito da Federação Internacional de Tênis (ITF).

Na decisão, Pignaton superou o espanhol Jorge Vazquez por 2 sets a 1, com parciais de 7/6 (10/8), 4/6 e 6/1, após uma partida de quase três horas.

Com o resultado, o capixaba levantou o quarto título internacional da carreira e o segundo conquistado na Holanda em 2026. Neste ano, ele também venceu o J60 de Hilversum.

Após a conquista, o atleta destacou a dificuldade da campanha e a força mental para superar os desafios ao longo da competição.

“Foi uma boa semana, muito difícil, jogos bem duros, condições muito lentas, mas consegui jogar bem, ser forte mentalmente para sair com o título”, afirmou.

O J60 de Eindhoven já revelou importantes nomes do tênis mundial. Em 2020, o campeão da competição foi o francês Arthur Fils,

atualmente um dos principais representantes da nova geração do circuito profissional e integrante do top 30 do ranking da ATP.

SUL-AMERICANO

O torneio na Holanda marcou a última competição de Victor Pignaton antes da disputa do Campeonato Sul-Americano Juvenil, que será realizado em Bogotá, na Colômbia, a partir de 3 de agosto.

Antes da competição continental, o capixaba fará dois dias de preparação na Itália, onde treina na academia comandada por Riccardo Piatti, um dos mais renomados treinadores do tênis mundial.

Nas últimas semanas, durante o período de treinamentos na Itália e em Monte Carlo, Pignaton também teve a oportunidade de dividir a quadra com grandes nomes do circuito profissional, entre eles o grego Stefanos Tsitsipas, ex-top 3 do mundo, e o russo Daniil Medvedev, atual integrante do top 10 do ranking da ATP.

O título em Eindhoven reforça a boa fase do jovem capixaba, que segue acumulando resultados expressivos no circuito internacional juvenil e chega embalado para representar o Brasil no Sul-Americano.



Na decisão, Pignaton superou tenista espanhol por 2 sets a 1 com parciais de 7/6, 4/6 e 6/1

Sócios decidem e Desportiva vira SAF

A DESPORTIVA Ferroviária deu no último sábado (25) o passo mais importante de sua história recente ao aprovar a criação da Sociedade Anônima do Futebol (SAF). Em Assembleia Geral Extraordinária realizada na sede do clube, em Jardim América, Cariacica, os associados aprovaram a proposta por ampla maioria: foram 29 votos favoráveis e apenas um contrário, em um total de 30 votos.

Com a decisão, a Locomotiva Grená avança para a formalização da Desportiva Ferroviária SAF, que passará a concentrar os ativos, direitos e operações do departamento de futebol. A assembleia também aprovou o estatuto social da nova empresa e autorizou a diretoria a adotar as medidas necessárias para o registro da SAF nos órgãos competentes.

A transformação do clube em SAF faz parte de um processo iniciado em 2024, quando a associação assinou uma proposta vinculante com a Tiva Investimentos, grupo que tem o ex-jogador Sá-



O processo para a Tiva se tornar SAF começou em 2024

vio entre os investidores. O projeto prevê investimentos de R\$ 116 milhões ao longo de dez anos, em troca de 90% da participação na nova sociedade.

Com a aprovação pelos associados, a expectativa agora é pela conclusão dos trâmites jurídicos e administrativos para que a SAF seja oficialmente constituída e possa iniciar sua atuação na gestão do futebol grená, marcando o início de uma nova fase para a Desportiva.

Tri e título absoluto do brasileiro de jiu-jitsu

A FAIXA-PRETA de Jiu-Jitsu Juliana Godinho Tonasso voltou a escrever seu nome entre os grandes destaques da modalidade ao conquistar o tricampeonato em sua categoria e o título Absoluto, no Campeonato Brasileiro de Jiu-jitsu 2026.

Com uma carreira consolidada, Juliana é competidora ativa nos principais eventos promovidos pela Confederação Brasileira de Jiu-Jitsu (CBJJ) e pela International Brazilian Jiu-Jitsu Federation (IBJJF).

Ao longo de sua trajetória, coleciona títulos e pódios em campeonatos estaduais, nacionais e de expressão internacional, tornando-se uma das principais representantes do Jiu-Jitsu feminino do Espírito Santo.

Além do sucesso nos tatames, Juliana também é reconhecida pelo trabalho desenvolvido na formação de novos atletas. Ela é responsável pelo Centro de Luta Tonasso, localizado no Balneário Ponta da Fruta, em Vila Velha, academia que se tornou



Juliana Tonasso coleciona títulos nacionais e até internacionais

referência em artes marciais e preparação física.

O centro oferece treinamento em Jiu-Jitsu, Judô, Krav Maga e condicionamento físico, atendendo crianças, adolescentes e adultos. O trabalho realizado pela equipe busca transmitir valores como disciplina, respeito, autocontrole,

perseverança e superação.

O mais recente tricampeonato na categoria, e ainda coroado pela conquista do Absoluto, reforça o talento e a dedicação de Juliana Godinho Tonasso, que segue elevando o nome do Espírito Santo nas principais competições de Jiu-Jitsu e inspirando uma nova geração de atletas.

Manguinhos vira a capital internacional da Capoeira

Evento gratuito reúne mestres, alunos e manifestações populares por quatro dias

GIULIANO DE MIRANDA
giulianohistoria@hotmail.com

A Vila de Manguinhos, na Serra, será novamente o ponto de encontro de mestres, professores, estudantes e praticantes da capoeira durante o Encontro Internacional ACAPOEIRA 2026. Entre os dias 30 de julho e 2 de agosto, o evento promoverá quatro dias de atividades gratuitas voltadas à valorização da cultura popular brasileira, reunindo participantes do Espírito Santo, de diversos estados brasileiros e de outros países.

Consolidado como uma das principais iniciativas dedicadas à preservação e à difusão da capoeira no Espírito Santo, o encontro alia prática esportiva, formação cultural, intercâmbio internacional e ações de inclusão social. A programação contempla rodas de capoeira, apresentações artísticas, oficinas, vivências culturais e atividades voltadas ao fortalecimento das tradições afro-brasileiras, aproximando diferentes gerações em torno de uma manifestação reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela Unesco.

O evento foi idealizado pelo Mestre Capixaba, considerado o mestre de capoeira mais antigo em atividade no Espírito Santo, com 53 anos de prática ininterrupta. Fundador do grupo ACAPOEIRA, ele acompanha a trajetória

do encontro desde sua criação, em 2005, período em que a iniciativa se transformou em referência para capoeiristas brasileiros e estrangeiros.

Ao longo de duas décadas, o Encontro Internacional ACAPOEIRA consolidou-se como uma das maiores celebrações da capoeira no Estado, reunindo, em suas diferentes edições, mais de 10 mil participantes, entre crianças, adolescentes, adultos e idosos. A proposta vai além da prática da capoeira ao incentivar o diálogo entre diferentes expressões da cultura popular, reafirmando o papel da arte como instrumento de educação, cidadania e preservação da memória coletiva.

CULTURA ALÉM DA RODA

É tradição do evento reunir manifestações culturais que compartilham raízes históricas com a capoeira, entre elas o Ticumbi, o Congo, o Jongo, o Caixambu, o Samba de Roda, o Maculelê e o Balé Afro, além de apresentações teatrais, forró e oficinas formativas. O objetivo é oferecer ao público uma experiência que evidencie a diversidade das tradições populares brasileiras e seus processos de transmissão entre gerações.

Segundo a organização, a presença dessas manifestações reforça o caráter interdisciplinar



O Encontro Internacional ACAPOEIRA vai até o dia 2 de agosto

do encontro e amplia o diálogo entre diferentes linguagens artísticas. Música, dança, oralidade, teatro e expressões corporais dividem espaço com a capoeira

em uma programação voltada tanto para praticantes quanto para visitantes interessados em conhecer aspectos da cultura afro-brasileira.

Intercâmbio sem fronteiras

O CARÁTER internacional do evento permanece como uma de suas principais marcas. Integrantes das filiais do grupo ACAPOEIRA instaladas em diferentes países participam anualmente da programação, ao lado de representantes de grupos brasileiros, promovendo uma intensa troca de experiências, metodologias de ensino e práticas culturais.

O intercâmbio fortalece a circulação internacional da cultura capixaba e evidencia a capoeira como linguagem artística e educativa, além de instrumento de integração entre os povos.

A realização do encontro em Manguinhos também fortalece o vínculo entre patrimônio cultural e desenvolvimento local. Depois de passar por Vitória e pela Vila de Itaúnas, em Conceição da Barra, o evento estabeleceu-se na vila serrana em 2022.

O cenário, reconhecido por sua forte identidade cultural e vocação turística, tornou-se um



Evento fortalece a circulação internacional da cultura capixaba

espaço de convivência entre moradores, visitantes e artistas, contribuindo para movimentar

a economia criativa por meio da gastronomia, do artesanato, da rede hoteleira e do comércio.

EVENTO

Encontro Internacional ACAPOEIRA 2026

- **DATA:** 30 e 31 de julho e 1º e 2 de agosto de 2026
- **LOCAL:** Vila de Manguinhos, Serra (ES)
- **ENTRADA:** gratuita
- **PÚBLICO** esperado: entre 400 e 600 participantes
- **PARTICIPAÇÃO** social: aproximadamente 200 crianças e adolescentes vinculados a projetos culturais do grupo ACAPOEIRA

Inclusão e transformação

Além do impacto econômico, o encontro desenvolve uma importante dimensão social. Crianças e adolescentes atendidos por projetos culturais vinculados ao grupo ACAPOEIRA participam diretamente das atividades, tendo acesso gratuito às oficinas, rodas de capoeira e apresentações artísticas.

A expectativa da organização é receber entre 400 e 600 participantes durante os quatro dias de programação, entre eles aproximadamente 200 crianças e adolescentes oriundos de projetos sociais desenvolvidos em diferentes municípios capixabas.

De acordo com a produtora cultural Christine Avelar, a formação das novas gerações permanece como uma das prioridades da iniciativa. “Participam, em média, dez projetos culturais mantidos pelo grupo ACAPOEIRA em todo o Espírito Santo. Possibilitar a participação dos mais jovens é preservar a cultura, mas também criar condições para que ela continue viva nas próximas gerações”.

Para o coordenador-geral do evento, Mestre Capixaba, a realização anual reafirma o compromisso coletivo com a preservação desse patrimônio cultural. “Fico feliz em promover este evento anualmente, pois, por meio dele, a capoeira, patrimônio cultural imaterial, é difundida, divulgada e valorizada”.

A parceira do evento Morena Joffily destaca que o encontro também gera benefícios para a comunidade anfitriã. “Receber o Encontro Internacional ACAPOEIRA em Manguinhos é um privilégio cultural. O evento movimentará a vila, traz turistas de vários lugares do Brasil e do mundo, fortalece a economia local e incentiva nossos alunos da COM MANGUINHOS a participarem cada vez mais”.

Gratuito e aberto ao público, o Encontro Internacional ACAPOEIRA 2026 reafirma o papel da capoeira como uma manifestação artística capaz de reunir tradição, educação, inclusão social e valorização da cultura popular.



Evento é dedicado à difusão e preservação da capoeira

“Fico feliz em promover este evento anualmente, pois, por meio dele, a capoeira, patrimônio cultural imaterial, é difundida, divulgada e valorizada”

MESTRE CAPIXABA, organizador

Espanha conquista o mundo à mesa

Da paella aos sabores regionais, gastronomia espanhola preserva tradições e movimenta turismo e negócios



RICARDO BODEVAN
@chefbodevan

Quando a Espanha levanta mais um troféu e volta aos holofotes, vale lembrar que o país também coleciona títulos em outra arena: a gastronomia. Muito antes das conquistas esportivas, os espanhóis já encantavam o mundo à mesa, transformando ingredientes simples em pratos que atravessaram oceanos e chegaram ao Brasil.

A culinária espanhola retrata a diversidade do país. Enquanto o litoral oferece frutos do mar excepcionais, o interior se destaca por embutidos, azeites, queijos e vinhos. O resultado é uma cozinha rica em identidade, sabor e história.

Talvez nenhum prato represente tão bem essa tradição quanto a paella. Nascida em Valência, surgiu como refeição de

trabalhadores rurais, preparada com arroz, legumes e as carnes disponíveis. Com o tempo, ganhou frutos do mar, chegou aos restaurantes sofisticados e se tornou símbolo nacional.

No Brasil, a abundância de pescados e mariscos permitiu adaptações sem que a paella perdesse a essência. No Espírito Santo, onde a cultura pesqueira compõe a identidade do povo, o prato ganhou espaço em restaurantes, festas e grandes eventos.

Há cozinheiros especializados em prepará-la para casamentos, confraternizações e festivais. Assim, a receita tornou-se um negócio que gera empregos, movimenta fornecedores e fortalece o setor de eventos.

INFLUÊNCIA ATRAVÉS DOS OCEANOS

A imigração espanhola, entre o fim do século XIX e o início do XX, trouxe famílias que ajudaram a

construir a agricultura, o comércio e a cultura alimentar brasileira. Embora portugueses e italianos sejam mais lembrados, os espanhóis deixaram marcas no uso do azeite, do alho e das carnes curadas, além dos pratos feitos para reunir a família.

A gastronomia é patrimônio econômico espanhol. Turistas visitam o país atraídos não só por suas cidades, mas por mercados, bares de tapas, vinícolas e restaurantes.

No Espírito Santo, os encontros são evidentes. Assim como a moqueca é patrimônio capixaba, a paella simboliza o orgulho espanhol. Ambas nasceram da simplicidade, respeitam ingredientes da terra e do mar e carregam histórias por gerações.

Títulos esportivos passam, mas a cultura permanece. E poucas formas de celebrá-la são tão universais quanto sentar-se à mesa para dividir uma boa refeição.

PAELLA DE FRUTOS DO MAR



Ingredientes:

- 500 g de arroz próprio para paella ou arroz de grão curto
- 500 g de camarão limpo
- 300 g de lula em anéis
- 300 g de mexilhões
- 300 g de mariscos
- 200 g de ervilhas
- 1 pimentão vermelho em tiras
- 1 cebola picada
- 4 dentes de alho picados
- 2 tomates maduros picados
- 1 litro e meio de caldo de peixe ou de legumes
- 1 colher (chá) de açafrão ou algumas pistilas de açafrão verdadeiro

- Azeite de oliva extravirgem
- Sal e pimenta-do-reino a gosto
- Salsinha picada
- Limões para servir

Modo de fazer:

1. Em uma paellera ou panela larga, aqueça um bom fio de azeite e refogue a cebola, o alho e o tomate até formar um molho bem encorpado.
2. Acrescente o pimentão e, em seguida, o arroz, mexendo por cerca de dois minutos.
3. Adicione o açafrão dissolvido no caldo quente e despeje o líquido sobre o arroz. Misture

apenas uma vez.

4. Distribua os camarões, as lulas, os mexilhões, os mariscos e as ervilhas sobre o arroz.
5. Cozinhe em fogo médio por aproximadamente 20 minutos, sem mexer, até que o caldo seja absorvido.
6. Desligue o fogo, cubra a panela com um pano limpo por cinco minutos e finalize com salsinha fresca e gomos de limão.
7. Sirva acompanhada de um bom vinho branco ou de uma sangria bem gelada para completar a experiência espanhola.



COLUNA DO VINHO

GUSTAVO DEBORTOLI || @gustavodebortoli

Por que alguns vinhos custam R\$ 50 e outros R\$ 5.000?

Quem entra em uma loja de vinhos pela primeira vez costuma fazer a mesma pergunta: por que algumas garrafas custam R\$ 50 enquanto outras chegam a R\$ 5.000 — ou até mais? Afinal, essa diferença é realmente justificada ou estamos apenas pagando pelo nome do rótulo?

DIVULGAÇÃO



A resposta passa por uma combinação de fatores. O primeiro deles é a produção. Enquanto algumas vinícolas elaboram milhões de garrafas por ano, outras produzem apenas algumas poucas centenas. Quanto menor a oferta e maior a procura, maior tende a ser o valor do vinho.

O local onde as uvas são cultivadas também exerce enorme influência. Regiões consagradas, como Borgonha ou Bordeaux, possuem séculos de tradição, regras rigorosas de produção e áreas de cultivo limitadas. Em muitos casos, não é possível simplesmente expandir os vinhedos. A terra disponível é escassa, disputada e altamente valorizada.

Outro aspecto importante é o cuidado empregado na produção. Existem vinhedos onde toda a colheita é realizada manualmente, cacho por cacho. Em alguns dos grandes vinhos do mundo, apenas as melhores uvas são selecionadas, enquanto parte da produção é descartada para garantir maior concentração e qualidade — e esse processo, naturalmente, aumenta os custos.

O tempo também tem seu preço. Muitos vinhos permanecem meses — ou até anos — amadurecendo em barricas de carvalho e depois descansam na própria garrafa antes de chegar ao consumidor. Durante esse período, a vinícola continua investindo recursos em armazenamento,

controle de temperatura e capital imobilizado, sem qualquer retorno imediato.

Mas nem tudo está relacionado aos custos de produção. Assim como acontece com obras de arte, alguns vinhos tornam-se objetos de desejo. Safras históricas, produtores renomados e garrafas raras despertam o interesse de colecionadores do mundo inteiro. Nesses casos, o valor passa a refletir também exclusividade, reputação e demanda internacional.

Isso significa que um vinho de R\$ 5.000 será cem vezes melhor do que um de R\$ 50? Definitivamente, não. A relação entre preço e prazer não é linear. Muitas vezes, um bom vinho de valor acessível proporciona uma experiência tão memorável quanto um rótulo muito mais caro, especialmente quando se está em boa companhia ou é harmonizado com o prato certo.

Vale lembrar: preço e qualidade caminham juntos, mas só até certo ponto. Depois disso, entram em cena fatores como raridade, tradição e prestígio. Conhecer esses elementos ajuda a compreender o valor de determinadas garrafas, mas também nos lembra de uma questão fundamental: o melhor vinho nem sempre é o mais caro, mas aquele que proporciona uma experiência marcante e faz sentido para o momento que estamos vivendo.

A AUTORIDADE DA SUA MARCA NO LUGAR CERTO!

Tecnologia, ESG, logística,
construção sustentável,
educação superior e inovação.
Os temas que transformam o
Espírito Santo são pautas na
coluna economia & mercado.



Vamos construir
a próxima pauta
juntos?



CONECTE-SE COM ESHOJE

ESHOJE[®]



Do impresso ao digital a gente te conecta com a notícia.

ORGÃOS PÚBLICOS DO ES:

Garanta total
conformidade e
ampla publicidade
com o ESHOJE.

- A Lei nº 14.133/2021 exige a publicação em jornal de grande circulação.



Atendimento ágil, segurança jurídica
e total conformidade legal.

ESHOJE[®]



Do impresso ao digital **a gente te conecta com a notícia.**